

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: UMA PROPOSTA INTEGRADA DE ENSINO EM CURSOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO EIXO TECNOLÓGICO DE RECURSOS NATURAIS NA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA BRASILEIRA

*Leonardo Basilio Caetano*¹
*José Augusto Ferreira da Silva*²

BREVE HISTÓRICO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO BRASIL

O fenômeno da expansão e democratização das Práticas Corporais de Aventura (PCA) no Brasil é recente e tem sido relatado por inúmeros autores, ganhando repercussão durante as últimas três décadas (PEREIRA *et al.*, 2008; TAHARA; FILHO, 2012). Atualmente as PCA têm sido bastante difundidas pelos veículos de comunicação e adotadas por pessoas com diferentes objetivos, que vão do lazer ao esporte de competição, passando por práticas saudáveis e alternativas de exercícios físicos e a busca do contato com a natureza. De acordo com Marinho (2013), a busca pela aventura desponta impulsionada pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas, utilizando-se da tecnologia infiltrada na esfera da recreação e do lazer.

As novas tecnologias desenvolvidas por empresas especializadas nas diversas modalidades também têm grande importância em sua expansão, uma vez que tornam a experiência mais confortável e segura. Outro fator de grande influência para o crescimento das PCA é o Ecoturismo, que chega ao Brasil no final dos anos 80 e tem crescido de forma exponencial. De maneira estruturada, o Ecoturismo vem oferecendo experiências nas diversas modalidades, concentrando-se nas práticas de caráter recreativo e não competitivo (BRASIL, 2010).

O Ecoturismo é um “segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.” (BRASIL, 2010).

¹ Rua Pedro Marins, 22 - ap. 204 - Turf Club - Campos dos Goytacazes/RJ CEP: 28015-180 - Telefone: (22) 999576926 - p.leobasilio@gmail.com

² Rua Miracema, 642 – casa 1 - Jardim Mariléa, Rio das Ostras/RJ CEP: 28896-046 - Telefone: (22) 997037526 - jaferreirasilva@gmail.com

Com tudo isso, vem se tornando comum ver, nas redes sociais, imagens de pessoas realizando feitos esportivos considerados “radicais” ou “extremos” até pouco tempo atrás. Seja em meio à natureza, ou mesmo em espaços urbanos, é cada vez mais comum encontrar adeptos em diversas modalidades.

Há uma riqueza de diversidade nas PCA, além de grande dinamismo nas formas como se apresentam, tanto no que se refere ao número de modalidades e variações das mesmas, quanto à forma de vivenciá-las; podendo ter características competitivas, recreativas, de lazer ou contemplação. Há, entre os autores, uma convergência à divisão das modalidades em terrestre: como o *trekking*, a trilha sensitiva e exploratória, o montanhismo, a escalada, as corridas de aventura, a corrida de orientação, o *mountain bike*, dentre outros; aéreo: como o paraquedismo, o *base jumping* e a tirolesa; e o aquático: como o surfe, o *rafting*, a canoagem, o *stand up paddle*, o mergulho e as travessias em águas abertas (PEREIRA *et al.*, 2008).

Esse consenso sobre a divisão entre as modalidades em aquática, terrestre e aérea, no entanto, não se estende à nomenclatura geral referente ao conjunto de suas modalidades. Franco (2008) apresenta uma grande lista de termos utilizados para conceituar o mesmo fenômeno, ao longo do tempo, relacionando-os brevemente com uma contextualização específica, dentre eles esportes em liberdade, esportes extremos, esportes selvagens, esportes radicais, dentre outros nomes; de modo a evidenciar que os conceitos propostos estão atrelados a um caráter específico, à modalidade dominante da época ou, ainda, ao apelo midiático e comercial; falhando em apresentar um conceito abrangente, conforme preconizam as práticas em questão.

Em busca de um conceito universal e abrangente, muitos autores têm refletido acerca do melhor termo para conceituar as modalidades de que trata este estudo. Nesse aspecto, Bretan (2003 *apud* FRANCO, 2008) propõe o termo Atividades Físicas de Aventura na Natureza; Marinho (1999 *apud* FRANCO, 2008) prefere o termo Atividades de Aventura; ao passo que Franco (2008), após perpassar essa trajetória de propostas, entende o melhor termo como sendo Atividades Físicas de Aventura (AFA), envolvendo “atividades cooperativas, não cooperativas, inclusivas, competitivas, coletivas, introspectivas e, também, tudo isso ao mesmo tempo.” (FRANCO, 2008, p. 26). Consciente das dificuldades da definição de um objeto de estudo relativamente novo e constantemente dinâmico em suas formas, modalidades e abordagens, bem como certo do grande valor das contribuições dos autores mencionados, no sentido da busca pela definição capaz de expressar da

melhor forma as atividades em questão, no presente estudo optei por adotar o termo Práticas Corporais de Aventura (PCA), presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador que referencia a definição dos currículos escolares no país (BRASIL, 2017). Inácio *et al.* (2005) defende o termo “práticas corporais”, em detrimento de “atividades físicas” em função da última remeter a uma conotação restrita de humano, limitada a uma concepção biologicista e adota o termo “Práticas Corporais de Aventura na Natureza”; ao passo que a BNCC se refere apenas a “Práticas Corporais de Aventura”, numa clara direção de envolver também as práticas de aventura típicas de espaços urbanos ou adaptadas a ele, ampliando, dessa forma as possibilidades de vivência e da própria atuação pedagógica. O termo “práticas corporais” tem sido utilizado no Brasil com forte relação com as ciências humanas, abrangendo, no campo da Educação Física, diversas manifestações culturais, como jogos, esportes, lutas, atividades de aventura; sempre atentos aos sentidos e significados atribuídos a essas práticas pelos sujeitos que as praticam (LAZZAROTTI, 2010).

AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO CURRÍCULO INTEGRADO EM CURSOS DO EIXO DE RECURSOS NATURAIS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA BRASILEIRA

A concepção de currículo integrado surge, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como uma proposta de rompimento com o modelo dual da educação brasileira, no qual a formação profissional acontece, historicamente, de forma limitada, atendendo a uma finalidade funcional, voltada para o mercado de trabalho; diferenciando esta da formação geral, voltada para a aquisição de conhecimentos mais amplos, que visa contemplar a formação do estudante e o seu ingresso aos níveis superiores da academia.

Vários autores se debruçaram sobre possibilidades de propostas integradoras de ensino, apontando para a unificação entre o conhecimento científico e o prático; para a emancipação dos estudantes, através da sua participação na construção do conhecimento; para a formação integral da pessoa; visando à formação de sujeitos críticos, conscientes do seu papel na sociedade; para a formação omnilateral e para a disseminação da visão ontológica do trabalho (FRIGOTTO, 2001; CIAVATTA, 2005; SAVIANI, 2007; MOURA, 2007).

Moura (2007) apresenta os fatores norteadores do currículo integrado: **a)** homens e mulheres como seres histórico-sociais, portanto capazes de transformar a realidade; **b)** trabalho como princípio educativo, que implica reflexões sobre o mundo do trabalho, da cultura desse trabalho, das correlações de forças existentes, do trabalho como uma satisfação pessoal e coletiva; **c)** a pesquisa como princípio educativo de forma a possibilitar a construção da autonomia intelectual e de soluções para as questões do cotidiano do educando; **d)** a realidade concreta como uma totalidade, síntese de múltiplas relações, ou seja, a possibilidade, através do currículo integrado, de compreender o contexto no qual o educando está inserido, de forma que possa interferir em função dos interesses coletivos; **e)** a interdisciplinaridade, a contextualização e a flexibilidade. Tratando do mesmo tema, Araújo & Frigotto (2015) citam como princípios orientadores a contextualização, a interdisciplinaridade e o compromisso com a transformação social.

A Lei 11.892/08, promulgada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cria os Institutos Federais nos seguintes termos.

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei.

Ao analisar a Lei 11.892/08, Batista *et al.* (2014) constata que os objetivos dos Institutos Federais estão ligados à justiça social, equidade, competitividade econômica e geração de novas tecnologias. Ainda de acordo com os autores, as diretrizes dos Institutos Federais reconhecem como fundamental a formação humana e cidadã, visando à transformação do trabalhador, de modo a oferecer-lhe condições de interpretar a sociedade e exercer sua cidadania para a construção de uma sociedade mais solidária, justa e igual para todos.

Mais de dez anos após a criação dos Institutos Federais e da proposta do Ensino Médio Integrado, a consolidação do currículo integrado ainda representa um desafio.

Infelizmente o distanciamento notado e denunciado entre a legislatura e proposição do Ensino Médio Integrado para com a prática pedagógica e o

cotidiano das escolas não é algo exclusivo da EPT. O mesmo ocorre com a Educação Física Escolar, enquanto disciplina curricular, também em outros campos da educação brasileira.

A Lei nº 9.394/96, que trata das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), prevê, em seu artigo 26, parágrafo terceiro, que a Educação Física é componente curricular obrigatório da Educação Básica, devendo estar integrada à proposta pedagógica da escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio mencionam “a necessidade do desenvolvimento de competências básicas tanto para o exercício da cidadania quanto para o desempenho de atividades profissionais” (BRASIL, 1998).

Em paralelo aos consideráveis avanços legislativos, no início dos anos 90 ganham força as pesquisas e propostas pedagógicas para a reformulação do currículo e abordagens na Educação Física Escolar. Inspirados pelos avanços políticos recentes e pelo fortalecimento da democracia, diversos autores publicam estudos e propostas de viés crítico ao modelo tecnicista e esportivista, vigentes até aquele momento. As propostas têm em comum a busca por uma aprendizagem significativa, capaz de ultrapassar os limites do simples gesto motor, busca pela performance ou saúde. Prezam pela valorização da cultura e pela crítica social, buscando a autonomia do aluno e a sua atuação para a transformação da realidade à sua volta. Entre as propostas apresentadas nessa linha, destacam-se a de João Batista Freire (1989), do Coletivo de Autores (1992) e de Elenor Kunz (1991).

Historicamente, no entanto, a Educação Física Escolar tem como marca a morosidade quando se trata de mudanças e inovações pedagógicas e curriculares. Silva & Bracht (2012) destacam a dificuldade da Educação Física brasileira em traduzir seus avanços epistemológicos e teóricos para o campo da intervenção pedagógica. Betti (1999) afirma que o esporte ainda é o veículo mais utilizado para a difusão do movimento corporal na escola, salientando que isso ocorre através dos esportes mais tradicionais, como o Futebol, o Basquetebol e o Voleibol. O que se percebe na prática é uma Educação Física muito parecida com aquela praticada nos anos 1980, onde prevalecem os conteúdos desportivos na sua abordagem mais simplista, de caráter diretivo, tecnicista e mesmo alienante, despreocupada com a busca da autonomia do aluno.

Nesse cenário as Práticas Corporais de Aventura ainda estão longe de ser uma prática comum na Educação Física Escolar, mesmo acenando como

uma demanda social e cultural, com um enorme leque de possibilidades a ser exploradas. Ao criticar a limitação do currículo da Educação Física aos esportes tradicionais e a sua lentidão em incorporar novos conhecimentos produzidos pela cultura corporal do movimento, Franco (2013, p. 215) defende a inclusão das Práticas Corporais de Aventura ao currículo, uma vez que é função da EF “pinçar práticas corporais significativas presentes na sociedade e transformá-las em saberes escolares, sistematizados para o currículo”

A formação em EPT de nível médio integrado nos cursos do eixo tecnológico de Recursos Naturais ocorrem, frequentemente, em escolas de características rurais. Como se espera na elaboração de todo currículo escolar, faz-se necessário considerar as características da escola e do ambiente em que se encontra, além das características culturais locais.

Para Caliari (2009), a Educação do campo tem papel importantíssimo para a independência, transformação social, cultural e promoção da sustentabilidade; construída, segundo ele, com participação e mobilização popular, promovendo transformações intelectuais, produtivas e conscientizadoras. O autor define transformações intelectuais como sendo aquelas que valorizam o saber e a realidade do sujeito e do seu coletivo; as produtivas se referem à adoção de práticas sustentáveis; e as conscientizadoras, referentes às potencialidades do mundo rural e do seu coletivo, valorizando a organização e engajamento.

De acordo com Marcellino (2003 *apud* SILVA; CHAO, 2011), o lazer é um fenômeno interdisciplinar, e, portanto, integrador. O autor exalta o seu potencial de promover a formação integral da pessoa, ao citar o desenvolvimento físico e moral, além de valores pessoais e sociais. Para Damázio (1998 *apud* PIMENTEL, 2000), as práticas de lazer das populações do campo devem ser apreendidas dentro da sua especificidade. Nesse contexto, as Práticas Corporais de Aventura; com sua capacidade de adaptação aos diversos ambientes e características presentes no meio rural, e às intenções e objetivos dos participantes; surgem como opção de lazer coerente com tais especificidades.

As atividades de lazer realizadas em meio à natureza configuram, de acordo com Bruhns (1997 *apud* PIMENTEL, 2000), a abertura do homem para o meio e para si mesmo; além de preconizar e valorizar a relação da pessoa com o ambiente em que se encontra e com a cultura local. Ao analisar depoimentos de praticantes de diversas atividades de lazer na natureza, Bertollo e Bertollo (2012) constatam que os indivíduos se abrem

a novas possibilidades, sejam elas sociais, emocionais ou físicas; o que contribui para a mudança de comportamentos e aquisição de valores, além da melhoria na qualidade de vida.

Ao entrevistar participantes de visitas excursionistas à natureza, Cardoso *et al.* (2006), em seu estudo, constataram que os indivíduos passam a se compreender parte de um todo e sua relação para com a natureza e para com o grupo torna-se de reciprocidade. Além disso, segundo os autores, os valores e comportamentos de cooperação e companheirismo são mantidos, mesmo depois da experiência no meio natural. Tal fato indica um grande potencial a ser explorado nas Práticas Corporais de Aventura para a formação integral da pessoa.

As Práticas Corporais de Aventura, praticadas em meio à natureza, no ensino formal, como componente curricular da Educação Física Escolar e dotada do devido cuidado pedagógico, fazem um interessante e necessário elo de ligação entre a Educação Física, o lazer e o meio ambiente. O que se propõe a seguir é uma sequência didática engajada com o projeto curricular integrado, em cursos do Ensino Médio integrado ao técnico do eixo de Recursos Naturais, proporcionando uma experiência pedagógica crítica e reflexiva, de caráter integrador.

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA, NUMA PERSPECTIVA INTEGRADORA

Em busca de uma proposta capaz de atender à formação integral do estudante e a sua autonomia, adotamos como principais referenciais teóricos as considerações de Antoni Zabala, com sua proposta de ensino baseado em competências, divididas em competências no âmbito pessoal, interpessoal, social e profissional; alinhando-as às contribuições de autores que se destacaram com propostas histórico-críticas no Brasil e na Educação Física brasileira.

Zabala (1998) defende a necessidade de “compreender a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem e que se articulam em torno da atividade intelectual implicada na construção de conhecimentos.”. Tal concepção sustenta a construção do saber através de esquemas de conhecimento, cuja natureza depende do seu nível de desenvolvimento por parte do aluno e dos conhecimentos prévios que o mesmo pôde construir.

Freire (1992) cita a cultura infantil, referindo-se aos conhecimentos trazidos pela criança e que fundamentarão a abordagem dos conteúdos. A relevância dos conhecimentos prévios dos alunos e a sua participação ativa na construção do conhecimento devem ser características fundamentais de uma proposta de formação para a autonomia e os objetivos devem atender os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Fundamentada nos autores acima e nas suas contribuições, foi desenvolvida e implementada a sequência didática apresentada a seguir:

Tema: Práticas Corporais de Aventura no contexto socioambiental e do trabalho.

Disciplina: Educação Física, envolvendo atividade integradora.

Autor: Leonardo Basilio Caetano.

Público: Duas turmas do Ensino Médio Integrado ao técnico do eixo tecnológico de Recursos Naturais, sendo uma do segundo ano do curso de Agroecologia, com 24 alunos e outra do segundo ano do curso de Agropecuária, com 20 alunos; no Instituto Federal Fluminense *Campus Avançado Cambuci*.

Tempo: 10 encontros, com duração de duas aulas de 50 minutos, cada; sendo 1h40 minutos por encontro.

Linha Pedagógica: De caráter sociointeracionista, zela pelo desenvolvimento integral da pessoa, a relevância sociocultural dos conteúdos, a autonomia do estudante e sua participação ativa no processo de construção do conhecimento.

Objetivos Conceituais: Conhecer algumas formas de Práticas Corporais de Aventura, associadas ao ambiente natural e ao meio rural; compreender a relação de interdependência entre o homem e o meio ambiente; definir Ecoturismo e Turismo Agroecológico, tendo em vista o potencial da região e as implicações com o trabalho no campo.

Objetivos Procedimentais: Vivenciar Práticas Corporais de Aventura, associadas ao contexto socioambiental do trabalho no campo e do estreitamento da relação homem-natureza; promover as Práticas Corporais de Aventura, associadas à Educação Ambiental e à valorização do trabalho no campo; formular estratégias de pesquisa, construção e disseminação do conhecimento.

Objetivos Atitudinais: Valorizar o meio ambiente, nas esferas natural, social e urbana; respeitar as normas de conservação e preservação

em ambiente natural e nos espaços de convivência; adotar atitudes de cooperação e solidariedade, perante as dificuldades.

Principais competências desenvolvidas no âmbito social: Compreender a realidade ambiental da região; valorizar o ambiente natural e as potencialidades que oferece; intervir estrategicamente para a transformação da realidade.

Principais competências desenvolvidas no âmbito interpessoal: Comunicar-se de maneira eficiente com os colegas e com a comunidade; cooperar com os outros para alcançar objetivos em comum.

Principais competências desenvolvidas no âmbito pessoal: Desenvolver o autoconhecimento, a compreensão e superação dos próprios limites; resolver problemas de maneira autônoma e criativa.

Principais competências desenvolvidas no âmbito profissional: Utilizar conhecimentos múltiplos e habilidades profissionais para a solução de um problema; ter responsabilidade com o planejamento e execução de uma atividade profissional.

Avaliação da aprendizagem: A unidade didática PCA foi responsável pela composição integral da nota trimestral dos estudantes, na disciplina Educação Física. Foram usados 4 instrumentos de avaliação: i) Atividade integradora (peso 4); ii) Participação nas vivências práticas (peso 4); iii) Produção textual (peso 1); iv) Autoavaliação (peso 1).

Os professores das demais disciplinas envolvidas na atividade integradora atribuíram uma parte da composição da sua nota trimestral, com variação entre 10% e 20%.

Encontro 1

Objetivos e competências: Conhecer o conceito de ecoturismo e turismo rural; reconhecer a diferença entre práticas corporais e atividades físicas; valorizar o meio ambiente e o campo; vivenciar práticas corporais; desenvolver a compreensão da realidade e a capacidade crítica.

Material utilizado: Datashow, quadro branco, pincel, apagador

Levantamento do conhecimento prévio dos estudantes:

Introdução e diálogo sobre os conhecimentos, experiências e interesses sobre a temática, contendo as seguintes perguntas provocativas:

O que você entende por práticas corporais de aventura?

Existe diferença entre práticas corporais de atividade física?

Quem pode dar exemplos de práticas corporais de aventura?

Como vocês conheceram essas práticas?

Quais dessas práticas vocês já vivenciaram?

Há locais próximos a nós, onde podem ser praticadas essas atividades?

Exposição dialogada: Definição, classificação e exemplos de Práticas Corporais de Aventura; conceito de trilha; Trilhas exploratórias, sensíveis e interpretativas; trekking.

Definição de ecoturismo; exibição do vídeo Educação ambiental: ecoturismo, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=48waORmA3d4>, definição de turismo agroecológico

Exibição do vídeo Educação ambiental: ecoturismo, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AQLh4XpGfgM>

O professor apresentará também alguns panfletos e guias de regiões e atividades de ecoturismo para ilustrar as diversas opções de práticas corporais de aventura e aptidão turística.

Proposta de Atividade em grupo: Visita e registro de pontos com aptidão para o ecoturismo.

Em pequenos grupos, os alunos devem proceder à visita de um ponto relevante escolhido, elaborar uma apresentação em forma de seminário contendo imagens e vídeos, além de aspectos relevantes relacionados ao local. Além disso, os grupos deverão fazer uma postagem na página da rede social do IFF Cambuci, relatando as atrações do local escolhido.

Vivência prática: Diferenciação entre Atividades Físicas e Práticas Corporais de Aventura.

No pátio da escola, vivenciar uma atividade física tradicional e uma prática corporal; de modo que os estudantes possam diferenciar as duas vivências.

Sugestão: aquecimento articular e cardiorrespiratório tradicional, como movimentos calistênicos e corrida, por exemplo; seguido por jogo do espelho e/ou qualquer tipo de estafeta recreativa, em que haja revezamento entre os estudantes para atingir um determinado objetivo.

Feedback: De volta à sala, provocar os alunos para que comparem as atividades realizadas, de modo a entenderem a diferença entre a concepção de atividades físicas e de práticas corporais. Fazer o registro na lousa.

Através dos registros na lousa, compor com os alunos uma definição própria para as PCA.

Autoavaliação: Previamente preparada, a autoavaliação consiste na distribuição de uma folha com perguntas relativas à assiduidade, participação nas atividades práticas e teóricas, além da percepção do estudante quanto à própria aprendizagem. Para cada item, os estudantes deverão assinalar uma nota de 5 a 10, que constituirá um instrumento avaliativo de peso 2, ao fim do trimestre letivo.

Gerando expectativas: Elogiar a atitude da turma e suas contribuições para a construção do conhecimento e anunciar a próxima aula, quando haverá a vivência da trilha exploratória, orientando para o uso de vestimentas apropriadas, filtro solar e repelente de insetos.

Encontro 2

Objetivos e competências: Conhecer o conceito de turismo rural; praticar a trilha exploratória; valorizar o meio ambiente e o campo; desenvolver a compreensão da realidade, a autonomia e solidariedade.

Material utilizado: Datashow, quadro branco, pincel, apagador

Retomando o diálogo: De forma dialógica, o professor inicia a aula relembrando a vivência na trilha, ocorrida na última aula e inicia o debate sobre a relação entre o homem e o meio ambiente.

Exposição dialogada: Exibição do vídeo sobre Turismo rural, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mwGjEFNaiWk>

Exibição do vídeo sobre o turismo rural na região serrana do Espírito Santo, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LBsl-az8P1g>

Estimular o debate e reflexão sobre as informações do vídeo e o que é possível utilizar para a elaboração da atividade.

Vivência Prática: Trilha exploratória.

Em sala de aula, fazer um *briefing*, que consiste numa série de orientações quanto ao percurso a ser realizado, grau de dificuldade, pontos críticos e o comportamento a ser adotado durante a trilha. O *briefing* também é o momento de solicitar que todos confirmem suas vestimentas, garrafa d'água, protetor solar, repelente etc.

Após checagem, saída para percorrer a Ecotrilha Santo Antônio. O professor conduzirá o grupo de estudantes, pedindo atenção quanto aos riscos e possíveis pontos de interesse.

Feedback: Ao fim da trilha, após um breve intervalo para hidratação, reunir os alunos e propor um diálogo sobre a experiência. Abaixo, algumas perguntas que podem ser colocadas:

Qual(s) ponto(s) do percurso mais despertou o seu interesse?

Você gostou de fazer a trilha em grupo ou preferia estar sozinho(a)?

Você teve dificuldades em algum ponto do percurso?

Em algum momento você ajudou ou recebeu ajuda de alguém?

Você gostou da forma como foi feito o percurso? Pode imaginar outras maneiras de fazer o mesmo percurso? Como?

Gerando expectativas: Finalizando o diálogo, o professor deve valorizar as colocações da turma e, em seguida, relatar que na próxima aula, retomaremos o diálogo desse ponto, abordando novas maneiras de contextualizar as trilhas.

Autoavaliação: Procedimento de autoavaliação descrito no Encontro.

Encontro 3

Objetivos e competências: Conhecer o conceito de meio ambiente; reconhecer o *Plogging* como PCA; praticar o *Plogging*; valorizar o meio ambiente e o campo; desenvolver a cooperação, o trabalho em equipe e atuar sobre a realidade.

Material utilizado: Datashow, quadro branco, pincel, apagador, luvas descartáveis, sacos de lixo.

Retomando o diálogo: De forma dialógica, o professor inicia a aula lembrando a vivência na trilha, ocorrida na última aula e inicia o debate sobre a relação entre o homem e o meio ambiente.

Exposição dialogada: O conceito de meio ambiente; reprodução da música “Terceira do Plural”, da Banda Engenheiros do Hawaii; exibição do vídeo “obsolescência programada”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkpScfQG-Y8>; roda de conversa sobre o tema “obsolescência programada” e o destino do lixo em Cambuci e região; breve apresentação do *Plogging*³ e exibição do vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=dushwchep6s>

Vivência Prática: Prática do *Plogging*, nova prática corporal nascida na Suécia e que vem “ganhando terreno” em todo o mundo. Reúne a corrida e os cuidados com o meio ambiente, através da coleta de lixo deixado em trilhas ou espaços públicos.

Feedback: Diálogo abordando a atividade realizada, considerações sobre o novo esporte e sobre o tipo de lixo encontrado, bem como o estado do ambiente escolar.

Possíveis perguntas que podem ser utilizadas pelo professor, como mediador:

Como foi integrar corrida à coleta de lixo?

Quem conseguiu correr o tempo inteiro? Como se sentiram fisicamente?

A atividade física demandou mais esforço do que a corrida convencional?

Quem precisou caminhar durante a atividade? Como foi a sensação de fadiga?

Que tipo de lixo vocês mais encontraram?

Por que vocês acham que as pessoas jogam lixo no chão aqui da escola?

É possível fazer algo a respeito para melhorar essa realidade?

Gerando expectativas: Encerrando a aula, o professor fala do próximo encontro, quando serão abordados o Ecoturismo e o Turismo Agroecológico, sugerindo que pesquisem algumas informações sobre os temas.

Autoavaliação: Procedimento de autoavaliação descrito no Encontro 1

Encontro 4

Objetivos e competências: Conhecer os espaços propícios para as PCA e para o Ecoturismo na região; apresentar locais de interesse turístico aos colegas; valorizar o meio ambiente e os espaços naturais propícios às PCA; desenvolver a autonomia, a cooperação e a comunicação eficaz.

Material utilizado: Datashow, quadro branco, pincel, apagador.

Retomando o diálogo: De forma dialógica, o professor inicia a aula e organiza com os estudantes a ordem de apresentação do seminário.

Apresentação do seminário: Apresentação do seminário sobre os locais visitados pelos estudantes, com potencial para o Ecoturismo e/ou Vivências das PCA em Cambuci e região; conforme proposta do Encontro 1.

Feedback: Diálogo sobre as descobertas e observações feitas pelos estudantes durante a pesquisa, tendo o professor como mediador. São exemplos de temas e informações relevantes:

O potencial de ecoturismo da região, suas limitações e utilização por parte da população.

O conhecimento que a população tem sobre meio ambiente e a relação do homem com a natureza.

O potencial para as PCA na região.

A valorização do contato com a natureza.

A conservação dos espaços naturais.

Se há outros locais, além dos que foram apresentados no seminário.

Proposta da Atividade Integradora: De caráter extensionista, a atividade consiste no convite de um grupo de pessoas, que deverão ser recepcionadas pelo grupo de estudantes proponentes. Os estudantes devem pensar num público-alvo, fazer o convite formal, criar estratégias de acolhimento e apresentação de uma ou mais atividades produtivas da escola, sob a forma de uma visita de interesse com base no ecoturismo e/ou no turismo agroecológico, incluindo a vivência de alguma(s) práticas corporais de aventura.

O professor propõe a atividade, deixando claro que esta integra vários conhecimentos adquiridos durante o curso e anuncia os professores participantes da mesma; abrindo, ainda, a possibilidade de que os estudantes procurem outros professores e disciplinas, caso vejam relação com o tema escolhido.

O professor sugere a formação imediata dos grupos de trabalho e coloca-se à disposição para orientá-los.

Ao iniciar o atendimento aos grupos, o professor acolhe as propostas e orienta algumas tarefas que deverão ser realizadas até a próxima aula, quando haverá a finalização da proposta, para acolhida dos visitantes na aula seguinte. Processo semelhante deve ocorrer com os outros professores envolvidos na atividade.

Gerando expectativas: Encerrando a aula, o professor sugere o diálogo dos grupos com os demais professores envolvidos na atividade integradora e solicita que tragam filtro solar e repelente para a próxima aula, quando haverá a vivência da trilha sensitiva.

Autoavaliação: Procedimento de autoavaliação descrito no Encontro 1, considerando a pesquisa realizada e a apresentação do seminário como atividade prática.

Encontro 5

Objetivos e competências: Conhecer os espaços propícios para as PCA e para o Ecoturismo na região; praticar a trilha sensitiva; valorizar o meio ambiente através da melhor percepção e interação; desenvolver a cooperação, autonomia e responsabilidade.

Material utilizado: Tiras de EVA para vendar os olhos; pequenos espelhos.

Retomando o diálogo: De forma dialógica, o professor inicia a aula abordando a importância das ações de planejamento da atividade integradora e do contato com os demais professores envolvidos.

Atendimento aos grupos de trabalho: O professor ouve as dúvidas e atende as diferentes demandas de cada um dos grupos de trabalho, orientando-os quanto às etapas para a realização da atividade.

Vivência Prática: Trilha sensitiva.

Em sala de aula, realizar o *briefing*, conforme feito no encontro 2 e, em seguida, vivenciar a trilha sensitiva.

No primeiro momento, em dupla, os estudantes deverão percorrer um trecho da Ecotrilha Santo Antônio, estando um com os olhos vendados e guiado pelo seu par. Em seguida as posições devem se inverter. O professor deve destacar a importância da função de guia, responsável pela segurança e pela experiência do seu par.

Num segundo momento, pequenos espelhos são distribuídos à turma e serão utilizados para ver o caminho através deles. Podem ser posicionados na ponta do nariz ou na testa, com possibilidade de refletir a imagem do alto ou de chão. A atividade pode ser direcionada ou livre.

Feedback: Ainda na trilha ou no pátio da escola, com os estudantes dispostos em círculo, o professor provoca o relato quanto aos aspectos percebidos durante a vivência da trilha sensitiva.

Alguns dos pontos relevantes a questionar são: A sensação de estar de olhos vendados; a confiança no colega que serviu de guia; a observação diferenciada da natureza; a sensibilidade de determinados sentidos, em relação a anulação de outros; a superação dos próprios limites; o desafio de caminhar de olhos vendados.

Gerando expectativas: O professor relembra a importância de planejar a atividade integradora, definir quais serão os grupos visitantes e afirma que na próxima será o prazo para a confirmação

dos dias e horários das visitas. Além disso, informa à turma sobre a PCA que será vivenciada na próxima aula: Caça ao tesouro.

Autoavaliação: Procedimento de autoavaliação descrito no Encontro 1.

Encontro 6

Objetivos e competências: Conhecer espaços pouco utilizados do *campus*; praticar a Caça ao tesouro; valorizar o conhecimento específico do lugar; desenvolver a liderança, cooperação e o trabalho em equipe.

Material utilizado: Pistas confeccionadas em papel; doces e bombons usados como tesouro.

Retomando o diálogo: De forma dialógica, o professor inicia a aula abordando a importância das ações de planejamento da atividade integradora e do contato com os demais professores envolvidos, além de informar-se com os grupos do andamento dos preparativos.

Atendimento aos grupos de trabalho: O professor ouve as dúvidas e atende as diferentes demandas de cada um dos grupos de trabalho, orientando-os quanto às etapas para a realização da atividade. Espera-se que nesse encontro todos os grupos tenham seu público visitante já definido e serão definidas as datas e horários de cada grupo receber seus visitantes para a atividade.

Vivência Prática: Caça ao tesouro.

Vivência de PCA realizada na Ecotrilha Santo Antônio e nas demais dependências da escola. Consiste na busca de uma sequência de pistas escondidas em locais estratégicos, com a finalidade de encontrar o tesouro. As pistas disponibilizadas para a atividade fazem referência a questões ambientais, de Práticas Corporais de Aventura e com a formação profissional dos cursos de Agropecuária e Agroecologia; abordando atividades produtivas desenvolvidas na escola e a exploração dos espaços disponíveis.

Um pote com uma diversidade de balas e doces foi utilizado como tesouro, tendo sido a última etapa da busca.

A vivência foi proposta no formato de jogo cooperativo, em que cada turma formou uma equipe única em busca do tesouro, o que contempla as competências voltadas para o grupo e para a cooperação, além de favorecer a manifestação de lideranças espontâneas.

Gerando expectativas: Ao fim da aula, após localizado o tesouro, o professor parabeniza a turma pelo achado e reitera o empenho para os preparativos dos grupos anfitriões da próxima aula.

Autoavaliação: Procedimento de autoavaliação descrito no Encontro 1.

Encontro 7 e 8

Objetivos e competências: Relacionar as diferentes áreas do conhecimento; propor e implementar uma atividade de turismo rural; valorizar a relação entre as pessoas e entre escola e comunidade; desenvolver a comunicação eficaz, a cooperação e o trabalho em equipe.

Realização da Atividade integradora: As atividades dos encontros 7 e 8 são conduzidas pelos grupos de estudantes, que já prestabeleceram um roteiro a ser cumprido.

Alguns parâmetros para as atividades foram acordados durante o planejamento e são comuns a todos os grupos, que, por sua vez, têm liberdade para abordar assuntos e modalidades do seu interesse.

As etapas comuns envolvem: Convite, recepção e condução dos convidados; apresentação do roteiro de atividades; oferta de vivência de PCA; apresentação de ao menos uma atividade produtiva da fazenda; participação dos convidados em alguma atividade da fazenda.

Encontro 9

Objetivos e competências: Conhecer o modelo de produção; debater sobre aspectos socioambientais e econômicos do consumo; reconhecer-se como participante e atuante nos problemas ambientais existentes; desenvolver a crítica social e a capacidade argumentativa.

Material utilizado: TV, Power point, quadro branco, pincel, apagador.

Retomando o diálogo: Após parabenizar a turma pela realização da atividade integradora, tecendo comentários, o professor provoca os estudantes a relatar a sua experiência de participação. O objetivo é que eles destaquem os pontos positivos e reflitam a respeito do que puderam aprender desde a preparação até a acolhida dos visitantes; além da troca de experiências entre os grupos, de acordo com o que cada um abordou.

Exposição dialogada: O professor aborda a questão da sustentabilidade, fazendo uma breve introdução. Em seguida, a exibição do vídeo “História das coisas”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iajta7OZLX8>

Feedback: Em tom dialógico, o professor provoca um debate sobre as críticas apontadas no vídeo e, juntamente com os estudantes, identifica possíveis exemplos na vida cotidiana.

Proposta de atividade de produção textual: Elaborar um texto abordando o papel e o potencial da Agropecuária/Agroecologia e das Práticas Corporais de Aventura para contribuir com a sustentabilidade e com a Educação Ambiental. Os textos produzidos devem ser entregues na próxima aula, com um breve debate sobre o tema.

Gerando expectativas: Ao fim da aula, após localizado o tesouro, o professor parabeniza a turma pelo achado e reitera o empenho para os preparativos dos grupos anfitriões da próxima aula.

Encontro 10

Objetivos e competências: Conhecer aspectos sustentáveis na produção; relacionar sustentabilidade e PCA, buscar soluções sustentáveis de produção; valorizar o meio ambiente; desenvolver a capacidade crítica e de comunicação escrita.

Material utilizado: TV, Power point, quadro branco, pincel, apagador.

Retomando o diálogo: O professor inicia a aula lembrando os temas tratados no encontro anterior e solicita a entrega dos textos produzidos pelos estudantes, conforme preconizado na atividade proposta.

Feedback: Após a entrega da atividade, o professor provoca a turma a relatar como foi a produção do texto e quais foram as relações encontradas entre as atividades profissionais envolvidas na Agropecuária/Agroecologia e das Práticas Corporais de Aventura e a sustentabilidade e Educação ambiental; com a intenção de compartilhar ideias e informações relevantes sobre esse aspecto.

Encerramento da Unidade didática: Fazendo uma síntese do que foi abordado durante os últimos 10 encontros, o professor valoriza a participação e proatividade da turma para com as atividades propostas. Reafirma como se dará a avaliação, ouve as considerações dos estudantes e dá por encerrada a unidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sequência didática foi implementada durante o segundo trimestre do ano letivo de 2018, em duas turmas do Ensino Médio Integrado ao Técnico do eixo tecnológico de Recursos Naturais; sendo uma turma do segundo ano do curso de Agropecuária, com 20 estudantes, e uma turma do segundo ano do curso de Agroecologia, com 24 estudantes, no Instituto Federal Fluminense *Campus* Avançado Cambuci.

A necessidade de uma avaliação fiel e abrangente da sequência didática implementada motivou a escolha de instrumentos variados, capazes de trazer à luz as múltiplas visões dos sujeitos participantes. Para tanto, foram gerados dados através de quatro instrumentos: o diário de campo do professor, com os registros das observações realizadas a cada aula ministrada; as respostas dos estudantes aos questionários estruturados acerca do seu conhecimento sobre o tema e da relação das atividades desenvolvidas por eles durante a sequência didática ao desenvolvimento de competências e objetivos propostos; as respostas dos estudantes à entrevista semiestruturada, realizada com pequenos grupos, ao fim de toda a sequência didática; e as entrevistas individuais realizadas com os professores participantes da atividade integradora.

Para a análise dos dados gerados a partir das entrevistas com os estudantes e os professores participantes, além do diário de campo; foi escolhido o método da análise de conteúdo temática na abordagem de Bardin (2009).

ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS ESTRUTURADOS

Os questionários estruturados respondidos pelos estudantes participantes cumprem a função de oferecer uma parcela de dados isentos de qualquer influência do pesquisador. Como resultante, foram gerados gráficos capazes de demonstrar com clareza o conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema e o quanto esse conhecimento foi modificado durante a sequência, além de relacionar as PCA ao desenvolvimento de competências e objetivos propostos.

Foi perguntado no questionário estruturado aplicado: “As PCA devem fazer parte da Educação Física Escolar?” Todos os estudantes participantes assinalaram a opção SIM. Da mesma forma, os estudantes também foram

unânimes ao responder que sim quando perguntados se “a oferta das PCA pela Educação Física Escolar desperta e/ou aumenta o desejo de praticá-las também fora da escola?”

Ainda com as opções de resposta Sim ou Não, o questionário contou com uma pergunta relacionando as PCA com a formação profissional em Agropecuária/Agroecologia. Essa relação revela a coerência da proposta para um currículo integrado na EPT brasileira e a percepção dos estudantes é de fundamental importância para uma completa avaliação do tema. A pergunta foi feita da seguinte forma: “As PCA têm relação com a formação profissional em Agropecuária/Agroecologia? Dos 44 estudantes participantes da pesquisa, 41 assinalaram a opção “Sim” e apenas 3 assinalaram a opção “Não.”

Com relação ao uso que os estudantes podem fazer dos conhecimentos e competências desenvolvidas durante as atividades e vivências da sequência didática de PCA, implementada, foi perguntado: “Os conhecimentos adquiridos através das PCA podem ser usados no lazer e/ou no dia a dia?” As opções de resposta foram: “Não”, “Apenas no lazer”, “Apenas no dia a dia” ou “Em ambos”. O fato de 39, entre os 44 estudantes participantes terem respondido “Em ambos” revela a utilidade e relevância dos conhecimentos e competências desenvolvidas durante a sequência didática, bem como a avaliação positiva dos estudantes por terem tido acesso aos conhecimentos e vivências propostas. Destaca-se o fato de poucos (apenas quatro) estudantes terem considerado os conhecimentos úteis apenas no lazer e um estudante considerou úteis apenas no dia a dia. A relevância dos conteúdos é demonstrada, ainda, pelo fato de que nenhum dos estudantes participantes da pesquisa considera que os conhecimentos adquiridos através das PCA não tenham utilidade.

Por meio do questionário, foi possível saber, ainda, dos conhecimentos prévios dos estudantes participantes da pesquisa, sobre as Práticas Corporais de Aventura. Essa informação é de grande importância por se tratar de um aspecto relevante para a escolha de conteúdos a compor o currículo escolar. Sobre esse aspecto, foi perguntado: “Como era o seu conhecimento sobre as PCA antes do tema ser abordado nas aulas de Educação Física?” Foram disponibilizadas as seguintes opções de resposta: “Não conhecia”; “Conhecia, mas não tinha praticado”; “Conhecia e praticava”; “Conhecia, mas com as aulas ampliei meu conhecimento e vivência”. Chama atenção o fato de que o maior número de respostas foi dado à opção “Não conhecia”, com 43% ou 19 estudantes participantes. Esse número somado aos estudantes que

disseram “Conhecia, mas não tinha praticado” (37% ou 16 estudantes), revela que 80% dos estudantes participantes da pesquisa não tinham praticado as PCA, ou tinham pouco ou mesmo nenhum conhecimento sobre elas. Esses dados revelam a importância da abordagem do tema nas aulas de Educação Física, no que se refere ao desconhecimento dos estudantes sobre o assunto. Somente 1 estudante disse que “Conhecia e praticava” as PCA, enquanto que os outros 18%, ou 8 estudantes participantes da pesquisa assinalaram a opção “Conhecia, mas com as aulas ampliei meu conhecimento e vivência”. Essa resposta revela que, mesmo entre os estudantes que já conheciam as PCA, houve aprendizagem e as vivências tiveram resultado positivo.

Para avaliar a eficiência da sequência didática para alcançar os objetivos propostos e desenvolver as competências elencadas, os estudantes participantes responderam um questionário em que relacionaram cada etapa das atividades cumpridas aos objetivos e competências desenvolvidas, de acordo com a sua percepção.

No Gráfico 1 demonstra-se a percepção dos estudantes quanto ao desenvolvimento de competências e objetivos de aprendizagem alcançados durante a recepção e condução dos visitantes para a realização da atividade integradora.

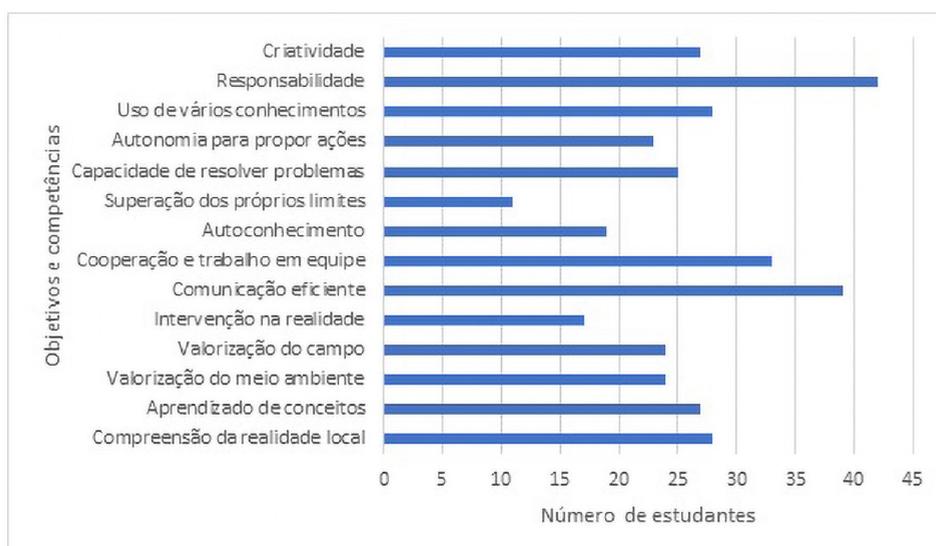


Gráfico 1. Percepção dos Estudantes quanto ao Desenvolvimento de Competências e Alcance de Objetivos de Aprendizagem na Recepção e Condução dos Visitantes durante a Atividade Integradora

O Gráfico 2 avalia a mesma percepção com relação à produção do vídeo para registro dos locais com aptidão para o Ecoturismo e para as Práticas Corporais de Aventura.

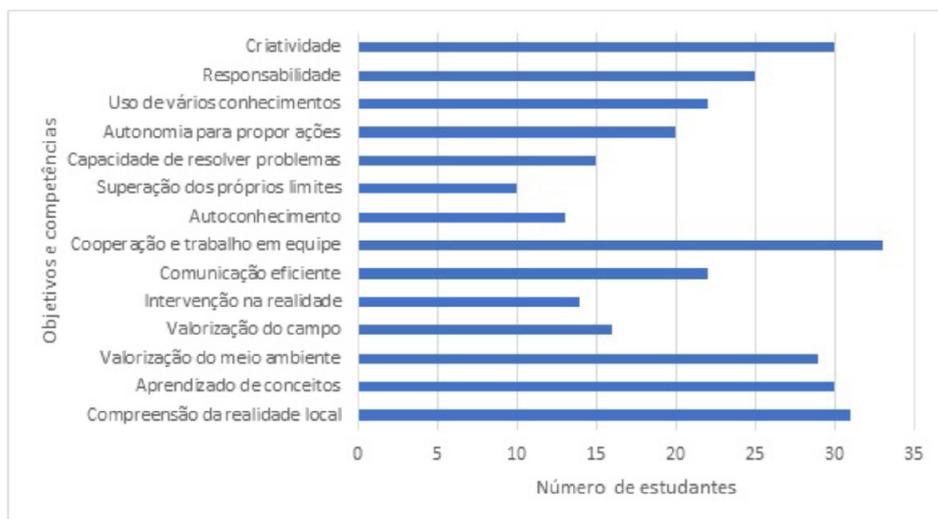


Gráfico 2. Percepção dos Estudantes quanto ao Desenvolvimento de Competências e Alcance de Objetivos de Aprendizagem na Produção do Vídeo para Registro de Locais com Aptidão para o Ecoturismo e Práticas Corporais de Aventura

É nítida a diferença de percepção dos estudantes, no que se refere ao desenvolvimento de objetivos e competências através de atividades distintas. É possível concluir que, para o desenvolvimento integral da pessoa, é necessário oferecer-lhe diferentes experiências de aprendizagem.

ANÁLISE DE DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS ESTUDANTES

As entrevistas ocorreram em pequenos grupos, entre 7 e 10 estudantes, tendo sido três grupos formados por estudantes do segundo ano em agroecologia e dois grupos formados por estudantes do segundo ano em agropecuária. Na oportunidade, as perguntas e comentários foram feitos pelo professor e, por iniciativa própria, cada estudante tomava a palavra para manifestar as suas opiniões, num diálogo franco e aberto. Para fim de registro, as entrevistas foram filmadas através de um celular e, em seguida,

transcritas para o melhor tratamento dos dados. Para tanto foi escolhido a análise de conteúdo. Os principais temas destacados pelos estudantes estão representados no Gráfico 3, que traz a quantidade de vezes em que determinadas palavras ou expressões em destaque foram citadas por eles durante a entrevista.

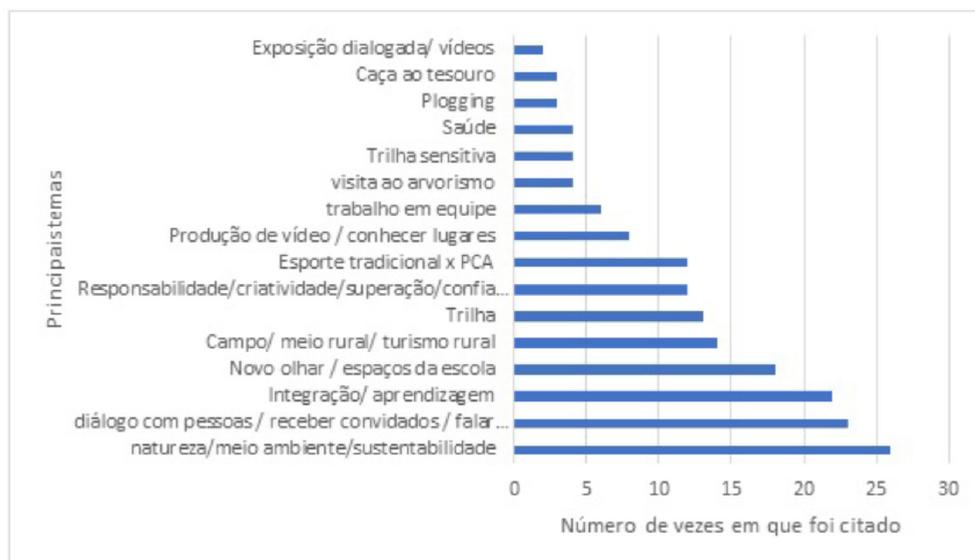


Gráfico 3. Principais Temas destacados pelos Estudantes

As perguntas-base da entrevista semiestruturada tiveram caráter abrangente, de modo a possibilitar aos estudantes maior liberdade para com os comentários. São exemplos de perguntas-base: “Como foi vivenciar as Práticas Corporais de Aventura na escola?” e “Como você vê a relação das Práticas Corporais de Aventura com o curso que realiza?”. A partir de perguntas como essas, deu-se a continuidade da entrevista, de forma bastante dialógica e descontraída, caracterizada, inclusive, por alguns estudantes complementando espontaneamente a fala dos seus colegas; seja concordando ou fazendo ponderações e ressalvas.

As palavras “natureza”, “meio ambiente” ou “sustentabilidade” foram as mais citadas pelos estudantes. Ao abordar as atividades práticas desenvolvidas na sequência didática, o estudante “G”, do curso de Agropecuária comentou: “Eu acho que desperta mais interesse pelo meio ambiente e preservação”

O meio rural e o campo foram relacionados ao turismo rural como uma atividade com potencial econômico para ser explorado em pequenas propriedades rurais, ou ainda, a preservação da natureza como importante fator para a sustentabilidade e renda no campo. Sobre o primeiro ponto, é possível destacar a fala da estudante “M”: “Tem a questão disso poder ser usado pra melhorar a renda da propriedade né? Com o turismo rural e o turismo de aventura. Eu achei isso muito legal. E nós fizemos isso aqui né? Foi uma coisa do curso que a gente fez de verdade.”

Houve grande interesse dos estudantes em manifestar a sua opinião sobre a proposta integrada de ensino. A estudante “T”, do curso de Agropecuária relatou: “Aí eu achei muito interessante integrar as matérias porque a gente obtém vários conhecimentos em um só”. O estudante “R”, do curso de Agroecologia, foi bastante pragmático ao abordar o tempo gasto com muitos trabalhos e muitas disciplinas, denunciando uma situação-problema observada nos cursos integrados, no que se refere à grande demanda de trabalho sobre os estudantes. Ele destacou esse benefício de uma proposta integrada de ensino, afirmando: “A gente pode fazer um só trabalho. Aí facilita pra gente por causa do nosso tempo.”

Expressões como “um novo olhar”, “um olhar diferente” e “ver com outros olhos” surgiram de forma espontânea durante as entrevistas em praticamente todos os grupos. Tais expressões fazem referência à descoberta de espaços, processos ou atividades da escola que, até então, não eram conhecidos pelos estudantes; ou a uma nova interpretação desses espaços; ou ainda, novas possibilidades de utilização de espaços e atividades, incluindo o meio natural e as atividades produtivas da fazenda.

ANÁLISE DE DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Para o registro da percepção dos professores participantes da atividade integradora, foram realizadas, individualmente, entrevistas semiestruturadas. As entrevistas ocorreram no *Campus* Avançado Cambuci, de duas a quatro semanas após a implementação da sequência didática, tendo sido registradas pelo gravador de áudio, com o uso de um celular e, em seguida, transcritas para melhor tratamento dos dados.

Além do professor proponente, da disciplina de Educação Física, outros quatro professores tiveram participação na atividade integradora

desenvolvida durante a sequência didática. Para preservar suas identidades, são referenciados como PR (Professora de Língua Portuguesa), GE (Professor de Apicultura), VI (Professor da disciplina Proteção de Plantas e VE (Professora de Produção de Hortaliças). Todos os professores participantes encontravam-se atuando com as turmas participantes durante a implementação da sequência didática.

Uma das indagações da entrevista foi a respeito do ineditismo de participar de uma atividade integradora como a que foi desenvolvida. Os quatro professores participantes compactuam, em algum grau, com esse fato. Dois dos professores participantes (O professor VI e a professora VE) nunca haviam participado de uma ação pedagógica integradora. Já a Professora PR e o Professor GE, a exemplo do professor proponente, relataram já ter participado de alguma atividade com um certo nível de integração; embora menos complexa, com menos áreas de conhecimento e disciplinas envolvidas.

Participar da atividade integradora foi determinante, segundo os professores, para o desenvolvimento da capacidade de ter uma visão integrada dos conhecimentos que permeiam a formação dos estudantes. Consequentemente, os professores consideram a experiência como sendo um ponto de partida de um caminho sem volta, capaz de fomentar a implementação de ações pedagógicas com essas características. Para explicar esse fenômeno, a Professora PR usou uma metáfora interessante. Ela disse que ter participado da atividade integradora é como ter limpado as suas lentes, o que simboliza a visão integrada de ensino; capaz de fazer com que vejamos com clareza. Ela ainda complementou: *“Não tem como pegar os óculos e dizer... vou dar uma sujada neles aqui porque eu estou vendo muito, não quero não.”*

Com relação à participação dos estudantes, a percepção dos professores foi bem próxima à manifestada pelos próprios estudantes. Um bom exemplo é o relato de “um novo olhar”. Essa percepção relatada pelos professores envolve diferentes aspectos: o olhar dos estudantes para com o conhecimento integrado, o olhar sobre a escola, bem como a percepção mútua e o reconhecimento das suas competências. A professora VE relatou que a atividade integradora “aguçou a percepção deles”. Os professores destacaram, ainda, a observação de alguns objetivos educacionais alcançados e competências desenvolvidas durante a atividade integradora. Além da responsabilidade, criatividade e cooperação, eles destacaram a capacidade de comunicação, a busca pelo conhecimento, a implementação prática dos conhecimentos e maior aproximação interpessoal. O Professor

GE exalta a criatividade de um dos grupos durante a apresentação em que demonstraram a produção de mel: “a criatividade deles naqueles produtos e detalhes que fizeram na apresentação, achei excelente.”

ANÁLISE DE DADOS DO DIÁRIO DE CAMPO

O diário de campo, preenchido pelo professor de Educação Física e autor do trabalho, revela a sua percepção a cada aula. Ele destaca o constante interesse dos estudantes pelas atividades propostas na sequência didática, principalmente as vivências práticas. O professor relata, ainda, no diário, a preocupação dos grupos para a realização da atividade integradora e o engajamento para com a proposta.

CONCLUSÃO

Considerando o resultado das referências consultadas e da avaliação dos atores envolvidos na implementação da sequência didática desenvolvida e apresentada, é possível afirmar que: i) as atividades propostas tiveram grande aceitação por parte dos estudantes; ii) os estudantes recomendam a inserção das Práticas Corporais de Aventura no currículo; iii) as Práticas Corporais de Aventura têm forte potencial integrador em cursos do eixo de Recursos Naturais; iv) a diversidade das experiências de aprendizagem propostas na sequência didática são capazes de alcançar diferentes objetivos e desenvolver competências de diferentes âmbitos; v) a atividade integradora desenvolvida teve aprovação de professores e estudantes. Os resultados demonstraram com clareza a relevância e pertinência das Práticas Corporais de Aventura como conteúdo curricular da Educação Física, numa perspectiva integradora em cursos do Ensino Médio integrado ao técnico do eixo de Recursos Naturais, na Educação Profissional e Tecnológica brasileira, sobretudo os cursos de Agropecuária e Agroecologia. A sequência didática apresentada constitui um produto educacional que pode ser reproduzido integralmente em outras escolas, adaptado ou utilizado em partes, de modo a contribuir com ações pedagógicas integradoras na abordagem desses conteúdos na Educação Profissional e Tecnológica brasileira.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. M. L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Revista Educação em questão*, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BATISTA, A. P. *et al.* Possibilidades e desafios da Educação Física como componente curricular no processo de expansão regional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte IFRN. *HOLOS*, Ano 30, v. 4, 2014.

BERTOLLO M.; BERTOLLO, S. H. J. Práticas corporais na natureza: (Re) significando valores sociais para uma melhor qualidade de vida. *Revista Contexto & Saúde*, Ijuí Editora, Unijuí, v. 11, n. 22, p. 52-55, jan./jun. 2012.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Revista Motriz*, p. 25-31, 1999. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT05022010213839.pdf>. Acesso em: 13 maio 2018.

BRASIL. Casa Civil da Presidência da República. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDB*. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC, SEF, 1998.

BRASIL. Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo de aventura: orientações básicas*. 3. ed. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* (versão final). Brasília, DF, 2017.

CALIARI, R. *et al.* *Introdução à Educação do Campo: povos, territórios, saberes da terra, movimentos sociais, sustentabilidade*. Vitória, ES: UFES, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.

CARDOSO *et al.* A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções. *Motriz*, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 2006.

CIAVATTA, M. A formação integrada: A escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. *Revista trabalho necessário*, ano 3, n. 3, 2005.

CONHEÇA o turismo de Bento Gonçalves. Programa Rio Grande Rural. Produção: TV Emater, RS. 2015. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AQLh4XpGfgM>. Acesso em: 16 jan. 2018.

EDUCAÇÃO Ambiental: Ecoturismo. Episódio 9. Vinícius Thees. Produção: Universidade Corporativa do Transporte. 2013. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=48waORmA3d4>. Acesso em: 16 jan. 2018.

FRANCO, L. C. P. *Atividades físicas de aventura nas escolas: uma proposta nas três dimensões do conteúdo*. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008.

FRANCO, L. C. P. Atividades físicas de aventura nas escolas. In: BERNARDES, L. A. *Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física*. São Paulo: Phorte Editora, 2013. Cap. 1, p. 24-38.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

FRIGOTTO G. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 71-87, jan./jun. 2001.

GESSINGER, H. 3ª do Plural. Intérprete: Engenheiros do Hawaii. In: *Acústico MTV Engenheiros do Hawaii*. [S. l.]: Universal Music, 2004. 1 DVD, faixa 16.

GLOBO rural: turismo rural no Espírito Santo gera renda com cafeicultura e outros cultivos. Produção: Maurino Marques. TV Gazeta, Vitória, ES. 2014. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LBSl-az8P1g>. Acesso em: 16 jan. 2018.

HISTÓRIA das coisas. Produção de Erica Priggen. Free Range Studios. Versão brasileira: Comunidade Permacultura, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iajta7OZLX8>. Acesso em: 16 jan. 2018.

- INÁCIO, H. L. D *et al.* Bastidores das práticas de aventura na natureza. *In: SILVA, A. M.; DAMIANA, I. R. (org.). Práticas corporais: experiências em Educação Física para uma formação humana.* Florianópolis, SC: Nauembla Ciência e Arte, 2005. v. 3, p. 69-87.
- INÁCIO, H. Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção. *Pensar a Prática*, v. 9, n. 1, p. 45-63, jan./jun. 2006.
- KUNZ, E. *Educação física: Ensino & mudanças.* Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1991.
- LAZZAROTTI, A. F. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. *Movimento*, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oaid=115312527002>. Acesso em: 13 maio 2018.
- MARINHO, A. Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos. *In: BERNARDES, L. A. Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física.* São Paulo: Phorte Editora, 2013. Cap. 1, p. 24-38.
- MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: Dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos*, ano 23, v. 2, 2007.
- OLIVEIRA, T.; VARGAS, I. Vivências integradas à natureza: Por uma Educação Ambiental que estimule os sentidos. *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.*, v. 22, jan./jul. 2009. ISSN 1517-1256.
- PEREIRA, D. W. *et al.* Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. *Revista Corpoconsciência*, Santo André, v. 12, n. 1, p. 18-34, jan./jun. 2008.
- PIMENTEL, G. G. A. Yes, nós temos lazer, uai! Impactos do lazer no mundo rural. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 61-71, 2000.
- PLOGGING. No salgas a correr sin tu bolsa. Produção: Playground Keep America Beautiful. 2018. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dushwchep6s>. Acesso em: 25 maio 2018.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física Escolar. *Kinesis*, v. 30, n. 1, p. 80-94. 2012 Disponível em: <https://doi.org/10.5902/010283085718>. Acesso em: 3 fev. 2018.

SILVA, J. G. *et al.* *Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil*. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/frame-inic.html>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SILVA, P.; CHAO, C. Práticas corporais na natureza: por uma educação ambiental. *R. da Educação Física/UEM Maringá*, v. 22, n. 1, p. 89-97, 1. trim. 2011.

SÍTIO do interior paulista atrai visitantes para ao turismo rural. Programa Notícias do Campo. Produção: TV Unifev de Votuporanga SP. 2014. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mwGjEFNaiWk>. Acesso em: 16 jan. 2018.

TAHARA, A. K.; FILHO, S. C. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. *Arquivos de Ciências do Esporte*, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2012.

ZABALA, A. *A Prática Educativa: Como ensinar*. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, A. *Como aprender e ensinar competências*. Porto Alegre: Artmed, 2010.